

ENTREVISTA



Silas Borges Monteiro

Fonte <https://br.linkedin.com>

*Entrevistado por Sebastião Carlos Rodrigues da Silva e
Enzi Cerqueira de Almeida Júnior*

RESUMO BIOGRÁFICO

Silas Borges Monteiro, filósofo de formação pelas Faculdades Associadas Ipiranga, é doutor em Educação pela Universidade de São Paulo, onde defendeu no ano de 2004 a tese “Quando a Pedagogia forma professores: Uma investigação otobiográfica”. Atualmente é professor Associado da Universidade Federal de Mato Grosso atendendo aos Cursos de Pedagogia, Filosofia e Psicologia. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, ambos da UFMT. Coordena o núcleo UFMT do Programa Observatório da Educação: Escrita: um modo de ler-escrever em meio à vida, sob coordenação geral da Prof^a Sandra Mara Corazza (UFRGS). É, ainda, membro do GEPEFE coordenado pela

Prof^a Selma Garrido Pimenta (FEUSP) e lidera o grupo Estudos de Filosofia e Formação (EFF). Suas publicações tratam, principalmente, dos seguintes temas: filosofia da educação, filosofia da diferença, formação de professores. Atualmente, é Diretor do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso.

Atua nas linhas de pesquisa “Constituição de estilos de individuação”, “Experimentações em teorias e políticas educacionais” e “Diferença e normalização em educação e saúde”.

Tem como projeto de desenvolvimento o “Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (Procad)”, participando como membro de corpo editorial do periódico: Ethos e Episteme: Revista de Ciências Humanas e Sociais da FSDB e do periódico: Caderno de Publicações UNIVAG.

Autor de dezenas de artigos, publicou e ajudou a coordenar diversas obras, a destacar: “Quando a Pedagogia forma professores. Uma investigação otobiográfica” e “Caderno de notas 2: rastros de escrituras”¹.

RHM: Como que o senhor vê a relação entre o ensino policial militar e a Universidade? Qual perspectiva e visão, embora não seja limitada referente ao nosso Estado, pode ser considerada ao nível de Brasil, ou mesmo alcançar outros limites? E a relação Polícia Militar de Mato Grosso e Universidade Federal de Mato Grosso?

Eu me sentiria mais a vontade de falar da Universidade Federal de Mato Grosso e da Polícia Militar de Mato Grosso que eu conheço melhor, embora esse tempo de contato que eu tenho com os estudantes da Academia de Polícia Militar e, principalmente, com as orientações de mestrado que eu tive, da Tenente Coronel PM Mainardi e da Major PM Fernanda Leonel, tenho percebido um movimento crescente da produção de conhecimento entre policiais militares, quer dizer, isso não significa outra coisa senão que a Polícia Militar no Brasil de um modo geral tem se aproximando cada vez mais das universidades. Agora em termos de Mato Grosso, eu cheguei aqui em 95 e em 97, ou se não me engano 96, eu dei aula na Academia de Polícia Militar Costa Verde porque o meu departamento oferecia disciplina

¹ Extrato biográfico realizado a partir do arquivo disponível em < <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4792806j6> >.

metodologia científica, então eu noto uma relação de que, mais de 20 anos, da UFMT com a Academia de Polícia. O que significa dizer que a Universidade estabelecia uma produção de conhecimento conjunta com a Academia, e ao mesmo tempo a Academia não se percebia apenas no âmbito da formação profissional, mas também como aquela que busca produzir conhecimento sobre a própria profissão. Então, eu vejo uma relação muito profícua da Universidade com a Academia Costa Verde, isso me parece singular, não conheço outras academias no Brasil, mas aqui na UFMT, no Instituto de Educação especificamente, é conhecida a presença de policiais militares para formação do mestrado ou do doutorado. Ainda, é muito grande a presença de policiais militares, sejam praças ou oficiais, nas nossas graduações, em especial a pedagogia. No mestrado e no doutorado a quantidade também é significativa, então eu vejo uma relação potente da Universidade com a Academia, na medida que a Academia possui essa experiência prática da atividade profissional e ela vem pra Universidade colocando isso pra Universidade para ser refletido, avaliado, analisado, e, por sua vez, a Universidade devolvendo isso pra academia como teoria, como reflexão, como uma prática modificada. Então eu vejo uma relação muito fértil da Universidade com a Academia nesse sentido, de uma produção mútua de conhecimento; a Academia se qualificando ao buscar a Universidade, e a Universidade se tornando pertinente, isso socialmente falando, na medida em que se aproxima da Academia de Polícia Militar.

RHM: Como se deram as iniciativas de proximidade entre a Instituição Polícia Militar e a Universidade Federal de Mato Grosso, em especial pelo Instituto de Educação?

Eu tenho a impressão que isso acontece ainda de uma forma não sistêmica, essa talvez seja uma crítica que eu faço, a impressão que me dá, com exceção deste movimento inicial de 95, me parece que com o tempo a UFMT foi perdendo uma relação sistêmica com a Academia. Eu diria que hoje, não só na condição de professor de Instituto e Educação, mas como Coordenador do Instituto de Educação, há necessidade de nos sentarmos de novo com a Academia Costa Verde e com a Secretaria de Segurança Pública para discutirmos uma relação mais sistêmica do Instituto de Educação, unidade que penso poder encabeçar esse movimento. Como

por exemplo, o quadro de professores para formação dos Oficiais. Algumas perguntas podem ajudar no raciocínio, por exemplo, como a universidade poderia ajudar a Academia a conquistar patamares mais avançados de pesquisa? Como a universidade poderia ajudar a Academia a consolidar grupos de pesquisa visando à criação do mestrado? Será que a universidade poderia contribuir com a Academia e com o Estado de Mato Grosso qualificando esses oficiais ao nível de mestrado e doutorado, com foco mais específico? Então, nesse sentido que eu digo que a nossa relação tem sido tímida e ela poderia ser mais sistêmica, ela poderia ser mais contundente no sentido de nós pensarmos uma relação mais estrutural entre a Universidade Federal e o Estado de Mato Grosso tendo em vista a Academia pra fortalecer os quadros de professores. Porém não só com a participação do Instituto de Educação, mas, por exemplo, do curso de direito (Faculdade de Direito), da Administração e outras. Ao que me parece o curso de Oficiais, ele tem características interdisciplinares muito claras, não é um curso que tem enfoque, embora o enfoque seja segurança pública, ele se vale de várias ciências, então é um campo em constituição; a presença da Administração é um ponto que a gente se nota. Citaria essas duas principais, Administração e Direito e também a Educação como um processo informativo. Então são várias áreas que contribuem para formação desses profissionais, desses Oficiais professores, e nesse sentido eu acho que a gente ainda é muito tímido, poderíamos pensar em algo mais sistêmico.

RHM: Quais as responsabilidades atribuídas a cada instituição, Polícia Militar do Estado de Mato Grosso e Universidade Federal do Estado de Mato Grosso, e os atores envolvidos neste processo de proximidade?

Eu penso que a Polícia Militar deva assumir sua responsabilidade, pensar o que ela deseja, o que ela necessita para seus quadros. Hoje a sociedade percebe com clareza um movimento, um interesse, da Polícia Militar em ter uma perspectiva cidadã. Aquela visão de uma polícia que é feita à base da voz forte, da voz do comando, isso tem sido substituído. Nós mudamos isso gradativamente por uma Polícia que dialoga com a comunidade, por uma Polícia que tenta se inserir na sociedade de forma muito mais cidadã, com preocupações muito mais contundentes, com ações de direitos humanos, por exemplo, e muitas outras ações. A gente nota a

inserção da Polícia de forma mais qualificada na sociedade, ela tem clareza disso, e seu papel é formar a necessidade informativa e entrar em diálogo com a Universidade para perguntar qual a necessidade de competências, técnicas, científicas, pra que dê a esse Oficial, pensando como um líder, pensando como alguém que planeja e crie estratégias na atuação dessa Polícia, e que possa qualificar cada vez mais nessa inserção. Então, eu vejo a Academia como aquela que propicia um diálogo no sentido que ela tem um perfil desejado e que a Universidade pode, em diálogo com a Academia, pensar as competências necessárias à qualificação desse Oficial.

RHM: A UFMT?

Sim, a UFMT. É possível. É necessário.

RHM: Qual o destaque, na opinião do senhor, mais significativo nesse processo de redemocratização brasileira referente ao ensino policial militar?

A Polícia Militar tem feito um esforço de não se identificar, embora ela tenha, na sua estrutura e na sua prática, o militarismo como um ideal. Não significa que ela se identifique com uma postura militar que foi assumida durante tempos pretéritos, durante o período da ditadura; eu acho que é um empenho dos jovens Oficiais em propor mudanças, efetivamente como polícia, ter um ideal militar para sua organização, mas ter um ideal democrático para sociedade. Eu noto isso pelos Oficiais que comigo trabalharam, tem o caso da Tenente Coronel Mainardi e da Major Leonel, também o Coronel Paredes que comigo trabalhou por algum tempo. Então, são notícias que eu recebo de uma polícia que tem a questão militar na sua estrutura, uma lógica, e que não quer abrir mão dela porque ela é fundamental para sua estrutura, mas isso não quer dizer que ela não queira garantir por princípio, o Estado Democrático. Essa redemocratização significa uma Polícia Militar que cada vez mais defende o estado democrático, embora na sua prática tenha isso como ideário, o militarismo como ideário de organização pra si, mas que esse militarismo defenda o estado democrático. No contato que eu tenho com os Oficiais, eu noto isso nos cursos, eu noto isso na prática deles, uma defesa veemente de estado

democrático, embora pra si tenha que a organização é importante. Então, essa distinção do que significa um ideal do militarismo para a sua organização, e o que significa isso em defesa da democracia, eu acho que isso é um diferencial da Polícia Militar de Mato Grosso que eu noto nos últimos anos.

RHM: No Instituto de Educação da UFMT ou outro departamento da UFMT, há pesquisa realizada ou em curso sobre o ensino policial militar na formação de policiais militares?

Neste momento eu oriento um trabalho de mestrado, da Major PM Leonel em que a preocupação dela é especificamente essa (o projeto dela está em constituição). Ela está no primeiro semestre ainda, e pensar o ensino militar, especificamente a Academia de Polícia Militar Costa Verde, é pensar um pouco esse processo formativo, do ponto de vista da formação. Eu orientei o trabalho da Tenente Coronel Mainardi, que ela tomou um pouco da experiência da mulher dentro da Academia, dentro da polícia militar, que foi uma outra feição. Já a Fernanda ela olha um pouco, esse garoto que vem com uma série de perspectiva, alguns querendo uma boa carreira, outros querendo de fato uma inserção numa instituição militar, porque por uma tradição familiar ou por um ideal de jovem. Então as expectativas são as mais diversas, todos eles chegam e eles vão passar por um processo único de formação para Oficial da Polícia Militar, quer dizer, um profissional da segurança pública. O que significa entregar esses trinta jovens para sociedade mato-grossense e dizer vocês são responsáveis pela segurança deste Estado? Então essa é a indagação dela, o que significa passar por esse processo? Como que ele se constitui? Que currículo é esse? Que formação é essa? São várias indagações que ela tem, então a gente precisa encontrar o caminho disso, mas o ponto é esse, é o ensino que é dado na Academia que constitui esses jovens que vem com ideais diversos e que a instituição que é chamada Polícia Militar, por meio da Academia de Polícia Militar Costa Verde entregará ao Estado de Mato Grosso trinta oficiais. E a sociedade toda espera que sejam mais trinta pessoas que cuidarão da segurança de todos nós, essa tremenda responsabilidade num prazo curto de três anos. O que significa estar inserido nesse processo? Essa é a pesquisa dela.

RHM: Há muitas reclamações e discussões sobre a atuação e formação do policial militar. Quanto à formação, como se ensina uma pessoa a ser policial militar, alinhado a essa realidade atual do país? Como é possível realizar essa formação mais humanizadora?

Eu diria, como formar um policial? Essa indagação serve pra qualquer profissão. Como se forma um policial? Como se forma um professor? O que a gente faz que depois de um tempo esse jovem se torna um professor? E uma coisa é certa, não é um ato de magia; agora, chega uma hora que de repente ele vira e também não é uma coisa que se dá por uma atividade espontânea, basta ele estar lá na academia e fazer tudo que tem que ser feito que ele vai virar um policial militar, um Oficial. Certamente não. Eu acho que o primeiro aspecto é ter clareza que há um projeto de formação e todos os professores precisam ter clareza de que projetos são esses, o que se quer com esses 30 jovens que entram no decorrer daquele ano e que depois de três anos são entregues à sociedade mato-grossense como profissionais da segurança pública, que projeto é esse? Então, a clareza de todos os professores é fundamental pra isso por que a formação do ser humano ela se dá por intencionalidade, ela não se dá por geração espontânea ela tem que ter uma intencionalidade. Acho que o primeiro elemento seria esse, essa clareza de que isso é um projeto coletivo, onde todos estão envolvidos e de que a participação geral é fundamental. Não é um trabalho isolado que vai juntando um pedacinho de cada um e ele vira sozinho, acho que cada um trabalhando em prol para que os alunos da Academia de Polícia sejam bons oficiais. Outro aspecto que eu acho importante é a atividade policial, e acho que de algum modo ela se parece com a do professor. É uma atividade eminentemente prática, então nesse sentido, me parece que a Academia deve se voltar e ter clareza do que significa a eleição daqueles componentes que são eminentemente práticos e que devem estar presentes na formação, esse é um ponto fundamental e prático no sentido de que ele vivencie a profissão dele antes que ela chegue, não só em situações simuladas, mas que em algum momento sob supervisão e tenha clareza do que significa ser um profissional da segurança. E isso serve pra policiais e pra professores. Eu ouço muito dos alunos do curso de licenciatura que a maior crítica que eles fazem muitas vezes no fim do curso, é a entrega a alguma escola sem o conhecimento prévio daquele ambiente e pensam, se eu tivesse visto um pouco disto

no início do curso tinha me preparado melhor. Mas, depois de quatro anos eu fico me perguntando, eu não saberia dizer, mas eu digo, eu penso comigo, um Oficial deve ter, ou em situações simuladas, ou em situações mais próximas da realidade possíveis, seja como for, o elemento prático. Isso parece ser fundamental pra formação de um profissional da segurança pública. E terceiro, se vinculando mais a segunda questão que o senhor trouxe, há uma forte discussão sobre o que significa a segurança pública no estado democrático, e aí não é dar aula de direitos humanos porque isso não é uma coisa que se dá aula. Mas essa vivência concreta do que significa, garantir a segurança de uma população que é marcada por uma diversidade, de uma população que é marcada por uma diferença econômica, por opções sexuais diferentes, e por diversas raças, por credos, que dizer, é uma riqueza cultural que é a cultura brasileira. O que significa garantir a segurança desse povo que é a marca do nosso povo, esse é o nosso grande desafio, e novamente, não quero comparar muito, mas me parece também que às vezes em certa medida a prática do professor, não é incomum também encontrar professores que às vezes vão à escola e privilegiam um aluno ou outro. Ou às vezes dão aula em um bairro e outro, aquele bairro é muito violento, eu quero um bairro mais tranquilo, por que não está preparado para lidar com a realidade da escola. Que escola é essa? A escola é uma síntese dessa sociedade cheia de contradições. Então eu diria, os profissionais da segurança pública tem também esse desafio de como educar, esse desafio de lidar com a educação de uma sociedade que é multifacetada. O que significa garantir a educação pra todos? E a pergunta que eu faço com o educador é, o que significa garantir a educação de todos? E é a pergunta que talvez tenhamos que fazer a segurança pública: O que significa garantir a segurança de todos independente da sua feição étnico-racial, da sua configuração econômica? Esse eu acho que é um grande desafio e isso não pode estar fora do processo formativo. Eu diria que a combinação desses elementos, a clareza dos projetos pedagógicos, com intenção bem delineada do seu projeto pedagógico, de todos os professores, o elemento prático presente na formação e a clareza de que sociedade é essa, e que perfil de sociedade é. Parece-me que são elementos importantes a serem considerados.

RHM: Na visão do senhor, qual é o papel da Polícia Militar e como ela é vista pela comunidade acadêmica e pela sociedade em geral?

Ela é uma Instituição ambígua. Na sociedade eu noto isso, pra aqueles que olham de longe eles veem a Polícia Militar com um receio, talvez com uma memória do que já foi pelos ocorridos na história do Brasil, talvez com um desconhecimento, talvez com preconceito. Mas as pessoas que se aproximam da Instituição e a conhece de perto conseguem notar o avanço que ela tem passado, principalmente a Polícia Militar de Mato Grosso, e isso é mérito dos seus Oficiais, de suas praças, isso é mérito da Polícia Militar de Mato Grosso, que não só se aproxima da Universidade, mas que se abre pra universidade. Eu citaria o caso do professor Naldson Ramos da Costa do NIEVCi-UFMT; eu conheço os estudos dele e as parcerias que ele desenvolve de longos anos com a Polícia Militar, inclusive pesquisas conjuntas com a colaboração da Polícia Militar. São iniciativas que começam a mostrar que a PMMT é uma polícia que não teme ser vista, ela não se esconde atrás de suas marcas, ela não se esconde atrás de suas estruturas. É uma polícia que se mostra e que convida as pessoas a visitá-la. E se eu não me engano, o Tenente Coronel Edson Rondon participa há um bom tempo de um projeto junto ao professor Luiz Augusto Passos aqui do Instituto de Educação, que também é uma ação conjunta com a Secretaria de Justiça, com a Secretaria de Segurança Pública. São iniciativas que mostram que a Polícia Militar, ou pela Academia ou pelos seus integrantes de um modo geral, não tem receio de ser olhada por dentro. Isso mostra coragem, isso mostra uma solidez, isso mostra uma polícia que deseja e caminha em busca de novos caminhos e novos espaços, pois, como eu disse, não se esconde atrás de suas estruturas, isso demonstra uma polícia corajosa. Então, aqueles que se aproximam da Polícia Militar veem uma polícia corajosa, uma polícia que deseja se mostrar. Mas ainda ela é vista pela comunidade acadêmica com receio, eu acredito que seja por que ela (comunidade acadêmica) desconhece, por desconhecimento, porque não consigo imaginar alguém que se aproxima e começa a conhecer mais de perto a Polícia Militar, a Academia, que permaneça com a mesma opinião. Nota rapidamente um grupo de jovens Oficiais que quer definitivamente dar uma nova feição à Polícia Militar, uma polícia que pesquisa, uma polícia que produz conhecimento, uma polícia que é comprometida

com a formação dos seus Oficiais. Quando digo Oficiais, me referencio inicialmente à Academia de Polícia, mas de um modo geral, englobo tanto os Oficiais quanto os praças. Isso é evidente pra qualquer um que se aproxima, mas ela ainda tem desafios, e eu acredito que se ela continuar nesse ritmo esses desafios serão superados brevemente. A inauguração do Centro de Pesquisa da PMMT é uma prova disso que estou dizendo.

RHM: Professor, as suas considerações finais.

Eu só queria reforçar o que eu já disse. Eu queria muito terminar minha gestão como Diretor do Instituto de Educação vendo concretizado um acordo de cooperação mais sistêmico entre o Instituto de Educação da UFMT e a Academia de Polícia Militar no sentido de criarmos um espaço de algo mais profícuo e portanto mais sistêmico e que a Universidade, mais especificamente o Instituto de Educação, dê uma qualificação mais contundente na formação dos Oficiais, no sentido de qualificação pra mestrado. E a Universidade não pode se fechar para o diálogo entre educação e segurança pública, nós não temos feito isso no Instituto de Educação, nós temos algo a aprender com a Academia que é sobre a segurança pública e eu acho que a Academia tem algo a aprender conosco sobre educação. Então, se nós resolvermos conversar de forma sistêmica na sociedade, o que nós aprendemos juntos, conjuntamente, acho que poderemos, por uma ação conjunta, melhorar o diálogo no espaço escolar que é um espaço importantíssimo de formação cidadã, e que esses temas possam comparecer de forma potente, a segurança e obviamente a educação. Isso poderia ser feito de forma mais sistêmica como eu já disse. Nós fazemos isso de forma tímida. Eu gostaria muito, desejo muito que brevemente encontrássemos esse espaço pra conquistar essa cooperação esse trabalho da Universidade com a Polícia Militar visando melhorar a educação em segurança pública nas escolas.

Referenciei-me mais à formação do Oficial da Academia de Polícia Militar, por ter mais contato com aquela Instituição de Ensino, tive pouco contato no CFAP, avaliando o curso do CFAP, não tenho muita experiência com o CFAP. Por exemplo, na minha visita ao CFAP, eu fiquei surpreso em ver um Soldado doutor e outro

Sargento mestre. Tinha um Soldado doutor! Isso mostra que é uma polícia diferente, uma polícia em que os soldados resolvem investir na educação dele, tem maior efeito isso, agora eu não estou muito seguro, e isso é meramente pessoal, se deveria existir duas instituições diferentes para formar policiais, eu acho que deveria existir uma academia talvez com status de faculdade. Um centro único, alguma coisa que teria a formação dos Oficiais e a formação dos Soldados, porque elas não deveriam estar separadas. Deveriam de algum modo estar em diálogo, não precisaria estar no mesmo prédio talvez, separados enfim, mas deveria ser uma instituição só, um projeto unificado, e uma coisa que eu acho quer dizer, nesse projeto que eu vi agora do CFAP, parece que deu uma melhoria, tenho a impressão quer era muito mais: **pega o cara e bota ele na rua!** E parece que agora há uma preocupação maior, já tem status de curso superior para o Soldado, então isso melhora, os qualifica; é uma coisa boa. Mas eu não tenho dúvida, as coisas que eu disse do Oficial serve também para o Soldado, eu não sei o que significaria o policial qualificado, o impacto disso, mas acredito que um curso superior com um curso de bacharelado, da mesma coisa que eu disse para o Oficial.

RHM: *Professor, grato pela atenção e pelas palavras!*